Ano XXIII — Lisboa, Dezembro de 1967 — N.º 272

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

NOITE DE PAVOR

Chuva contínua e persistente. Os caudais, a princípio inofensivos, depressa se transformavam em regatos que forçavam os primeiros incómodos. Mas a chuva continuaria a cair sem qualquer afrouxamento. Certa e firme. Os leitos dos riachos engrossavam de minuto a minuto. Daí a pouco eram torrentes francas e poderosas.

Soou o primeiro sinal de perigo: as coisas mais leves eram levadas na cheia. Uma acção desgastante se iniciava. E a chuva continuava, sempre, sempre, impiedosa e incessante. Até que o alarme ecoou: a enxurrada!

As ruas tornaram-se em rios impetuosos; as casas começaram a ceder. Era o pânico!

Os bombeiros, valentes e abnegados, assim como outras almas generosas que acorreram a medir-se com o perigo, multiplicavam-se em vão, para atender a todos os lados donde os reclamavam. É que a luta era desigual e, em grande parte das vezes, frustrada.

Não tardou que a tragédia se consumasse. Chegara a hora da destruição e da morte.

Os que tentavam agora salvar, eram, daí a pouco, engulidos pela sanha das águas revoltas. As mulheres clama-

Continua na pág. 6

PROBLEMAS DO NOSSO TEMPO — II

CAUSAS DA ANORMALIDADE DA CRISE JUVENIL

Por **EDUARDO RIBEIRO**

DEPOIS da última guerra, as gerações jovens passaram a apresentar indícios de insociabilidade. O facto parecia natural e atribuía-se — com toda a razão — às influências deletérias do estado de guerra; era a consequência directa do clima de subversão, das lutas da «resistência», mas esperava-se que a situação se normalizaria logo que as nações pudessem refazer a sua vida económica e social. Aconteceu, porém, exactamente o contrário. À medida que as gerações se têm sucedido, a juventude tem exibido um estado de rebeldia e desequilíbrio mais acentuado.

A causa desta anormalidade não pode, portanto, ser imputada só à guerra. Ela tem de ser procurada no ambiente social, pelo que nos parece pertinente a pergunta: Que modificações se teriam operado no mundo capazes de ter dado origem ao estado de agitação e inquietude em que a gente nova se debate?

O mundo tem passado, no presente século, por transformações profundas. O homem quase se libertou da Terra e ensaia os primeiros passos na conquista do espaço. O seu avanço científico proporciona-lhe ensejo de alcançar meios de destruição tão poderosos que a vida poderá desaparecer da face do Globo pelo capricho ou loucura de um só governante. Este perigo, tão iminente, deu um carácter de insegurança à vida humana, a que os novos não podem deixar de ser sensíveis.

A ciência conseguiu também prolongar a média da vida humana. Há hoje mais homens velhos do que há anos atrás. O mundo é cada vez mais possessão de adultos. Os jovens encontram por isso mais dificuldade de acesso na sociedade, porque os adultos ocupam as posições de relevo e não as cedem fàcilmente. Estas circunstâncias provocam desentendimento e separação entre «novos» e «velhos».

Há outros factores, porém, que exercem influência decisiva na mentalidade dos novos. A desagregação da família; o colapso dos valores morais; a adopção constante da violência na solução dos problemas políticos; a secularização. A análise de todos estes pontos levar-nos-ia muito longe e exigiria um espaço de que não podemos dispor. Ràpidamente diremos que a autoridade dos pais constituiu a mais forte influência na educação da mocidade. Desde o sistema do *pai tirano*, em frente do qual o filho tinha de guardar a maior reverência, até ao pai companheiro, que participava nas

Continua na pág. 4

Novos assinantes: — UMA CAMPANHA PARA A GENTE NOVA

É necessário que **Sempre Pronto** *seja cada vez mais lido pela gente nova.*

Os nossos grupos de escoteiros têm nas suas fileiras inúmeros rapazes que desconhecem este jornal, um jornal que lhes pode ser útil, um jornal que lhes fará conhecer a grandeza do movimento escotista no mundo.

É necessário que os escoteiros leiam o **Sempre Pronto**!

Quem quer colaborar nesta campanha?

Já alguns responderam a esta iniciativa, indicando os nomes de escoteiros que desejam ser nossos assinantes.

Mas são precisos muitos mais.

Quem nos indicará mais nomes?

Proposto pelo nosso amigo sr. José Dionísio dos Santos, inscreveu-se, como Patrocinador do nosso jornal, o sr António Silva Oliveira. Outro novo assinante é o sr. Herlânder A. Dinis, proposto pelo nosso administrador-adjunto sr. Luís Garcia Inácio.

A estes dois novos Amigos, bem como ao nosso estimado colaborador sr. Joaquim de Sousa Piscarreta, que liquidou com 100$00 a sua assinatura anual, agradecemos a preciosa cooperação que nos estão prestando.

A OPERAÇÃO «SEM FRONTEIRAS» DOS ESCOTEIROS UNIONISTAS DE FRANÇA

A Direcção desta activa associação de França lançou uma interessante actividade para o ano de 1967/68, destinada a animar toda a acção do seu ramo de Escoteiros. Trata-se da operação «SEM FRONTEIRAS».

A operação começou no Jambori Mundial onde foram feitos contactos com escoteiros dos mais diversos países e colhidos endereços que servirão de base à iniciativa.

Pretende-se que cada Patrulha de Escoteiros se inscreva voluntàriamente, tomando a iniciativa de entrar em contacto com outra patrulha de um país estrangeiro, convidando-a a um intercâmbio de conhecimentos que vão desde os assuntos escoteiros até à história, geografia, tradições de cada país.

O plano que se encontra muito bem traçado, tem uma fase de preparação e troca de informações. Depois, as Patrulhas e os Grupos lançar-se-ão numa série de actividades tendentes a reunir fundos para a actividade. Prevê-se a organização de festas, sessões de cinema, bazares, pequenos serviços, exposições, actividades que terão particularmente o apoio dos pais e famílias dos escoteiros.

Com os fundos angariados, as Patrulhas convidarão um ou mais escoteiros com quem já estejam em contacto postal, para visitar a França. Os escoteiros visitantes serão hóspedes dos escoteiros franceses, farão um acampamento de conjunto e serão depois acolhidos em famílias dos escoteiros

A operação é assim anunciada;

— «Sem fronteiras» tem por fim a confrontação dos modos de vida, dos Escotismos, dos hábitos, dos problemas dos rapazes franceses com os dos rapazes de outros países.

— É uma sugestão de actividades lançada a favor de uma descoberta e de uma troca recíprocas.

— É derrubar as fronteiras aos olhos dos nossos rapazes para melhor se descobrirem a eles próprios.

— É ensinar-lhes a fazer descobrir a França com as suas riquezas, as suas fraquezas, as suas esperanças aos outros rapazes.

— É convidar todas as unidades dos E. U. a se emparceirarem com unidades escoteiras estrangeiras, de todas as raças, de todas as cores, de todas as religiões, de todas as línguas...

— É compartilhar até ao ponto de convidar para França, no ano próximo, um ou vários rapazes da unidade emparceirada.

— É estar bem certo de ser capaz de ganhar o dinheiro necessário para a viagem dos rapazes convidados.

— É talvez prever um acampamento constituído por todas as unidades participantes no Programa nacional.

SEM FRONTEIRAS: sugestão ousada talvez, criticável, mas que sem dúvida fará sair o ramo escoteiro da letargia.

SEM FRONTEIRAS: equivale à recusa categórica de um escotismo medíocre, fechado sobre ele mesmo, sem envergadura, sem ambição, sem esperança.

É este o programa que vai animar a acção dos Escoteiros Unionistas durante o actual ano escoteiro. Talvez possamos aqui colher sugestões para uma outra acção que possa dar vida ao ramo escoteiro em Portugal. Os órgãos superiores do Movimento precisam de programar actividades ao nível nacional, que despertem o entusiasmo dos novos e os estimulem a uma acção bem orientada.

BOM GOSTO E MAU GOSTO

Brinquedos de guerra nos Estúdios da Radiotelevisão

A oferta, a crianças, dos chamados brinquedos de guerra é costumeira que está sendo tenazmente condenada, através de intensas campanhas levadas a efeito em diversos países.

Entre nós, infelizmente, esta louvável iniciativa nem sequer se pode dizer que está na fase incipiente, porque ainda não se assistiu, quanto à análise deste problema, senão a tomadas de posição isoladas, portanto sem o proveito que seria mister alcançar.

Todavia, se nos podemos conformar com a ausência de uma campanha efectiva tendente a acabar com o fabrico e venda desses brinquedos, já não podemos assumir igual atitude quando verificamos que, ao invés, ocorrem factos que mais parecem querer fazer a propaganda, pura e simples, do uso de objectos desse género.

Foi o caso de, em 7 do mês corrente, a Radiotelevisão Portuguesa ter apresentado no seu programa **Harmonia e Bom Gosto**, *uma criança sobraçando nada mais, nada menos que uma metralhadora! E o facto ainda é causador de maior desapontamento quando se dá conta de que o programa era dedicado à decoração da casa no Natal, quadra que não se harmoniza, certamente, com símbolos bélicos, afirmação esta que até se poderia deduzir da verborreia piegas com que a apresentadora da TV acompanhou o programa.*

É certo que a imagem da criança com a metralhadora é, de certo modo, coerente com o espírito que envolve grande parte das fitas que a Televisão impinge ao público. Compreendemos, contudo, que a nossa organização televisiva não se encontre em condições para evitar a passagem desses programas. Agora o que nos recusamos a admitir é que essa organização não possua meios capazes de impedir o desconchavo em que **Harmonia e Bom Gosto** *(?) caiu...*

CONFRONTO

Educar ou não Educar?

Temos na nossa frente uma revista escoteira francesa que procura convencer os dirigentes escoteiros de que um Grupo de Escoteiros, para promover actividade profícua, tem necessidade de dispor de dinheiro. Para realizar um programa, desenvolver actividades de interesse, para se equipar devidamente, para possuir material, para fazer publicidade, para existir, enfim, o Grupo precisa de fundos.

Partindo desta realidade, a revista sugere diversas maneiras dos próprios rapazes trabalharem para conseguir meios financeiros. Além das festas e bazares já tão habituais, são citados os pequenos serviços prestados às famílias, como lavagens de automóveis (o que só é exequível fora das cidades ou desde que os grupos possuam instalações para esse trabalho), pequenos trabalhos ou reparações de carpinteiro, serralheiro, canalizador, electricista. Um Grupo dispõe sempre de rapazes que sejam capazes de colocar o fundo numa cadeira, substituir um fusível, reparar um muro, lavar um tanque, colocar um vidro, reparar uma sebe, etc. etc.

Quer isto dizer: procura-se que os escoteiros sejam educados a trabalhar para obter os meios de que se carece. Portanto, ganhar dinheiro é ainda uma actividade educativa.

* * *

Dias depois chegou à nossa mesa de trabalho outra revista escoteira. Abria igualmente uma campanha para obter dinheiro e convidava a participar todos os Grupos de Escoteiros. Iam ser emitidas rifas, realizados sorteios. Os escoteiros deviam vender essas «rifas», participando nos lucros por meio de uma percentagem. Involuntàriamente fomos levados a fazer o confronto. De um lado, educa-se no trabalho. Do outro, propaga-se um terrível vício — o jogo. Não se educa.

As responsabilidades do Escotismo, porém, exigem que se eduque sempre. Essa tem de ser a grande preocupação do Dirigente.



O Escotismo na Capital

O 55.º Aniversário do Grupo N.º 2

No passado dia 8 de corrente, o Grupo N.º 2 encerrou as comemorações do seu aniversário tendo realizado a investidura de novos escoteiros, acto que se realizou na Igreja paroquial da Ajuda e teve a presença de outros grupos de Lisboa, nomeadamente o Grupo N.º 7, que também aceitou no mesmo acto o compromisso de novos escoteiros.

Antes e depois da cerimónia, os escoteiros e dirigentes presentes, em número de cerca de 75, desfilaram pelas ruas da Ajuda com estandartes, terno de clarins e tambores, sob a chefia do seu dirigente sr. João Madeira.

Quem não se sente...

Perdão, Sr. Doutor, mas... ...afinal estamos de acordo

Através da interessante e útil publicação «Companheiros», do Clube de Campismo de Lisboa, pudemos tomar conhecimento de algumas afirmações e comentários do Sr. Dr. Roque Laia, durante uma palestra que proferiu no Grupo Estrela, colectividade que acaba de completar 25 anos de esforçado e proveitoso trabalho em prol do Campismo em Portugal.

Exaltando as virtudes do Campismo, que identifica como *«uma actividade que resulta de uma mentalidade própria do indivíduo, da sua maneira de encarar e compreender a vida»* e classificando o campista como *«o ser humano que, profundamente consciente da sua humanidade, sentindo a opressão de todos os falsos convencionalismos, de todas as imposições injustificadas, procura descobrir e reencontrar a Natureza, integrando-a na harmonia Universal»*, o ilustre conferente insurge-se contra os que dizem que os escoteiros fazem campismo, afirmando: *«Não se faz campismo pelo mero facto de se ficar instalado nas «barracas» dos campos de férias, criados por alguns organismos... E, também não é só a característica para-militar do escotismo que me faz negar o carácter de «campistas» a essas actividades... Essas actividades não são nem «Campismo» nem praticadas pelo espírito «Campista» porque os que as praticam não agem em obediência à sua tendência de «campistas»»* e, tendo estabelecido certo paralelo entre os escoteiros, os militares, os caçadores e os ciganos, conclui simplesmente: *«Todos esses acampam... porque se estão deslocando e nada mais»*.

Advogado conceituado no foro de Lisboa, não duvidamos que o Dr. Roque Laia seja também conhecedor e sincero devoto do campismo, para defesa do qual arranjou méritos e sentimentos que, não duvidamos, possam existir nos campistas, mas que muito dificilmente conseguimos adivinhar na maioria dos «homens da casa às costas».

Mas não foi para contestarmos as virtudes do campismo, o que aliás jamais faríamos, que nos dispusemos a comentar o discurso do ilustre conferente, pois que também reconhecemos que o campista *pode* ser *«o ser humano que profundamente consciente...»* etc., etc.

O que nos toca profundamente é que, no meio do lirismo com que o Sr. Dr. Roque Laia exalta a modalidade desportiva a que se dedicou há muitos anos, tenha escolhido, para confronto das virtudes desta, precisamente o Escotismo, que coloca em plano verdadeiramente deprimente, demonstrando acerca deste uma completa ignorância que não seria lícito esperar de um dos Sócios mais antigos do Grupo Estrela, criado (salvo erro) por antigos escoteiros e onde alguns destes têm tido, através dos anos, acção de realce.

Para já pergunto: onde existe uma mentalidade própria de campismo? Nos parques de campismo. Nos clubes? Nos campistas?

Sinceramente nunca conhecemos entre os campistas senão pessoas que gostam de acampar, com melhor ou pior material, mais ou menos conhecimentos práticos, tratando melhor ou pior as árvores.

Porém, como o Sr. Doutor nos ensina a ver no campismo coisas de que nunca nos apercebêramos em mais de uma dúzia de anos de praticante, não nos vamos zangar por tratar o Escotismo de uma forma que não é habitual em homens da sua idade, no geral suficientemente identificados com serviços prestados pelo Movimento, que o impõem ao respeito e admiração dos cidadãos, preferindo antes esclarecê-lo em certos pormenores que gostaríamos não repetisse, para evitar a confusão de pessoas menos esclarecidas.

Vejamos: o Escotismo não é, nem pretende ser, campismo porque considera a sua missão bastante mais elevada; mas também não é, nem nunca foi, uma organização pré-militar ou para-militar, aquilo que nós consideramos a antítese do Escotismo, porque é um Movimento voluntário, que procura desenvolver no jovem as suas boas qualidades e colocá-las ao serviço do semelhante, através de uma disciplina aceite e não imposta.

Se os escoteiros não *«agem em obediência à sua tendência de campistas, nem é o espírito campista, nem a finalidade de praticarem Campismo que os leva a estarem acampados»* é porque o seu sentimento de Fraternidade, Amor ao próximo e o desejo de Servir o semelhante tornam as suas actividades no campo apenas um meio de treinar os seus conhecimentos e faculdades e não o fim a atingir na satisfação do prazer pessoal, já que para o escotismo esse fim vem longe e só chega com a *«harmonia universal, rejeitando toda a violência, toda a tirania, todo o domínio e exploração sobre os outros seres, toda a destruição, opondo-se a que o forte oprima o fraco, desaprovando a morte por capricho, ou por prazer sádico»* isto para aproveitar as palavras utilizadas pelo Senhor Doutor para enaltecer o ideal campista, pois estas bem parecem ter saído de alguma publicação do genial Baden-Powell, que foi militar de reconhecidos méritos, campista nato por intuição, mas que o mundo tornou célebre porque foi o iluminado criador de uma força arrebatadora que transforma o fraco em poderoso, o apagado em herói, o tímido em destemido, o garoto em Homem: — **O Escotismo.**

As actividades escotistas não precisam parecer-se com coisa nenhuma porque o seu carácter peculiar não tem paralelo e, quando elas se parecem com puro campismo (desculpe, Doutor,) é porque já estão a deixar de ser escotistas e teremos de admitir que, infelizmente, nem todos são bons escoteiros, como nem todos são bons campistas.

Para terminar lembramos ao Dr. Roque Laia que foram os escoteiros os introdutores do campismo em Portugal, pois a prática de ir para o campo e viver numa tenda, bastando-se a si próprios, nasceu na nossa Terra com os rapazes do lenço e calção, que além desta transmitiram ao campismo outras virtudes que alguns bons campistas ainda conservam como se fora coisa ùnicamente sua.

Afinal, estamos de acordo, Doutor: o Escotismo não é campismo, porque não pode executar apenas uma das suas múltiplas tarefas, mas, note, é **Acção, verdade, amor, fraternidade, pureza, bondade, nobreza, juventude, vida!**

E a sua meta é longe, longe, tão longe que a vida inteira não chega para alcançá-la: — **Deus.**

M. G.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

OS JOGOS NA EDUCAÇÃO ESCOTISTA

Toda a actividade escotista deve ser um jogo. Só assim poderá verdadeiramente interessar e apaixonar o rapaz. Delgado de Carvalho, na Sociologia Educativa, apreciando este aspecto do Escotismo, escreve: — *Todas as actividades são aproveitadas sob a forma de jogo para formar enfermeiros, cozinheiros, sinaleiros, naturalistas, nadadores, químicos, bombeiros, recebendo o indivíduo as honras e os distintivos em que revelou, em exames, a sua proficiência.*

Parece-nos que, se formos analisar a causa da decadência de muitos grupos de escoteiros, verificaremos que, na maior parte das vezes, ela residirá na ausência de jogos, dos bons jogos escotistas, bem ensaiados e regulados. Em nossa opinião, uma das primeiras iniciativas a tomar no dia em que o movimento escotista português tiver à sua frente elementos capazes de se interessarem pelos problemos educativos do Escotismo, será criar uma escola, curso ou treino de jogos escotistas para guias e chefes, onde os primeiros serão executantes e os segundos árbitros ou orientadores, proporcionando-lhes assim meios seguros de trabalho e o segredo do êxito de uma patrulha e de um grupo de escoteiros. Segundo Benjamim Sodré, *o segredo do bom chefe é ter sempre, para atrair os escoteiros, uma surpresa, uma novidade. Essa surpresa é um jogo novo ou de há muito não jogado.*



O Escotismo através do Mundo

JAMBORI DE 1967

O número oficial de participantes no XXIII Jambori Mundial, em Farragut Park, foi de 12 017 escoteiros de 107 países ou estados do Mundo.

«GET TOGETHER» — 1968

A próxima reunião de Comissários Internacionais do Escotismo vai realizar-se na Escócia, no Skelmorlie Hydro Hotel, junto do rio Clyde, de 3 para 6 de Maio próximo.

GRÃ-BRETANHA

Apesar de serem mais difíceis as condições de acesso à categoria de «Queen Scout», equivalente ao nosso Escoteiro da Pátria, o número destes escoteiros aumentou no último ano.

Aquele que faz sempre o quer, raramente faz o que deve.

BEAUCHENE

Causas da anormalidade da crise juvenil

Continuação da pág. 1

distracções e brincadeiras do filho, a educação baseava-se sempre na presença e autoridade paternas. Essa autoridade emergia do respeito merecido pela estatura moral do chefe de família. A mãe reforçava este respeito pelo exercício do amor, que amenizava as asperezas paternas.

Por exigências da vida social e profissional; por desinteresse; muitas vezes por egoísmo ou corrupção moral, muitos pais abandonaram o exercício dessa preciosa missão. Nem tiranos nem companheiros, tornam-se estranhos, ignorados, e frequentemente péssimos exemplos. As mães, chamadas à vida profissional, ficaram também inibidas de exercer eficientemente a sua nobilíssima acção formativa e educativa, ao passo que outras, mais favorecidas, entregam a criadas as suas responsabilidades enquanto se ocupam de distracções.

As crianças e adolescentes, de um e de outro sexo, crescem assim quase ao abandono e alcançam a idade juvenil ignorando o que seja disciplina e sem terem sequer conseguido adquirir uma simples noção de respeito pelos seus progenitores, sofrendo ainda de um sentimento de amargura pela falta de carinho em períodos tão importantes da vida. Esta será a causa primária de muitos excessos, da revolta e consequentes actos de delinquência. O ambiente familiar explica o procedimento correcto e o aprumo de muitos jovens, e a falta de compostura e desbragamento de outros, exactamente daqueles que em geral usufruem de melhor nível económico. Estes, sobretudo, tendo todos os problemas pessoais solucionados pelos progenitores que, para não terem incómodos, lhes proporcionam abundante dinheiro e os libertam de responsabilidades, sentem-se na plenitude das suas faculdades físicas e intelectuais, mas não sabem que fazer desses dons. Enquanto os mais pobres, cedo envolvidos na luta pela sobrevivência, encontram no trabalho um sentido para a existência; aqueles, os privilegiados, não tendo ocupação nem obrigações, sem objectivos ou ideais, debatem-se nas amarguras da frustração. Querem viver intensamente e, por isso, esgotam o cálice de todos os prazeres, para além do qual só encontram o campo falso dos excessos e da revolta.

O colapso dos valores morais é outra causa do problema. Mas não foram os novos, confessemos, que começaram por fazer tábua rasa dos princípios de dignidade. Hoje o homem que mantém o princípio da palavra honrada; que detesta a mentira; que se não vende e recusa peitas; que tem uma única mulher; que é fiel a um ideal e por ele se sacrifica, é considerado exemplar raro, ridícula reminiscência do passado. Foi este colapso que levou ao abandono dos padrões morais. Sempre existiram mentirosos, venais, levianos, hipócritas, desleais, mas sabiam que estavam em falta. Hoje todos esses defeituosos caracteres são perfeitamente admissíveis, têm honras públicas, e patenteiam-se flagrantemente à curiosidade dos novos. O adolescente, a quem pretenderam inculcar virtudes, ao atingir a idade da juventude, espírito aberto para a vida, pronto a investigar e a saber, descobre um mundo totalmente diferente do que lhe foi fantasiado e envereda pura e simplesmente pelo abandono dos princípios que lhe foram apontados, adoptando não só a atitude de rebeldia, mas nutrindo o maior desprezo pelos «velhos».

O clima de guerra em que o mundo vive gera um sentimento de angústia dos novos, já apoquentados pela injustiça com que são tratados nos esforços para vencer numa sociedade estruturada segundo a maneira de ser dos mais velhos, onde a promoção é quase sempre negada ao mérito e conferida a afilhados.

A secularização da sociedade contribui para criar o ambiente favorável à desorientação juvenil. O declínio do sentimento religioso ou, pior do que isso, a adopção de uma religião de fachada, de certos momentos, que nada tem a ver com a vida do indivíduo, que não influi nos seus actos, que não gera imperativos de consciência. Religiões todas feitas de meras palavras, de ritos; crentes que tratam o próximo por irmão no templo e o atraiçoam na vida de cada dia. *O temor do Senhor é o princípio de toda a Sabedoria*, clamava o Salmista. Pois foi esse temor abandonado pelos homens maduros, cujo exemplo foi naturalmente seguido pela juventude.

Se as gerações mais velhas não têm autoridade para acusar os jovens das suas faltas, também as igrejas não podem acusar os novos pela secularização adoptada. Foram elas pela sua condescendência com o mundo, pela fraqueza do seu testemunho, pela ânsia de poder político e económico, que se desautorizaram.

Derrubados os padrões morais, abandonada a disciplina do lar e o respeito dos progenitores, perdida a confiança na sociedade, negligenciado o amor de Deus, os jovens, entregues a si próprios, sem inibições nem compromissos, sentem-se naufragados num mundo que os não compreende e tantas vezes os repele. Jovens frustrados, em revolta com os «velhos», rompendo com todos os convencionalismos e preconceitos de uma sociedade que detestam, ei-los lançados no caminho da recusa, exibindo um espírito rebelde e uma excentricidade com que muitas vezes nem eles mesmo concordam.

A seguir: **Não poderá ter solução o problema da juventude?**

As inundações de Lisboa e o Escotismo Mundial

Por motivo das catastróficas inundações que atingiram Lisboa no passado dia 26 de Novembro, estão chegando até nós mensagens de simpatia de diversas associações e agrupamentos estrangeiros.

O Comissariado Regional Toscano dos «Esploratori d'Italia» enviou um amável ofício, no qual recorda o desastre semelhante que atingiu Florença o ano passado, manifestando a sua sentida solidariedade na desgraça que agora se abateu sobre Lisboa. Recorda o apelo que «Sempre Pronto» então lançou a favor dos Escoteiros de Florença, e oferecem a sua ajuda naquilo que possam ser úteis

O sr. E R. Morley, em nome da Fraternal de Antigos Escoteiros do condado de Berkshire, Reading, Inglaterra, também manifesta o seu sentimento para com os seus companheiros portugueses.

A senhora Muriel Wright, e seu marido sr. John Wright, das Antigas Guias de Coventry, Inglaterra, escrevem igualmente a manifestar o seu interesse e simpatia por motivo das inundações

O chefe Leslie R. Mitchell, fundador do Jambori do Ar e seu organizador nacional na Grã-Bretanha, manifesta a sua solidariedade e simpatia para com as vítimas das inundações.

* * *

Também da Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Antigas Guias recebeu a Fraternal Portuguesa um ofício subscrito pela sua Secretária-Geral, Madame Ada Cornil, no qual se expressa toda a simpatia pela população de Lisboa e arredores que sofreu o desastre das inundações.

Os Escoteiros de Queluz e as inundações

A vila de Queluz, na linha de Sintra, foi uma das localidades nos arredores de Lisboa bastante atingida pelas inundações de 25 de Novembro passado. Nesta localidade, os escoteiros, membros do Corpo Nacional de Escutas e da Associação dos Escoteiros de Portugal, prestaram desde a primeira hora assistência aos desalojados, encarregando-se da distribuição de alimentos e agasalhos, bem como da organização do cadastro dos sinistrados.

É interessante notar que o Grupo de Queluz da A. E. P. está ainda em organização, mas os seus membros têm-se revelado óptimos escoteiros em diversas circunstâncias, tendo agora desenvolvido a sua acção pelas áreas de Belas, Ponte de Carenque e Queluz, trabalhando dedicadamente mais de 12 horas diárias.

Parabéns rapazes!

Intercâmbio Epistolar Escotista

Escoteiros estrangeiros que desejam trocar correspondência com jovens do nosso país:

— Miguel Angel Ayala Lopez
Calle 74, núm. 451-B, CN/RC 53551
Mérida, Yucatan (México).

— António Gayoso Carbajales
Calvo Sotelo, 136-2 º.
El Ferrol del Caudillo, Coruña (Espanha).

— José Olimpio Santana
Rua Guiordono Bruno, 245 — apt. 1
Porto Alegre, Rio Grande do Sul (Brasil).

NATAL DE 1967

Agora que, de novo, nos encontramos na formosa quadra do Natal, não escondemos um sentimento de tristeza por a vermos, entre nós, ensombrada pela catástrofe que desabou sobre Lisboa.

Embora concordemos, todavia, que o acontecimento exija uma certa moderação nas manifestações, é nossa opinião, por outro lado, que a festa de Natal não pode sofrer qualquer empanamento na sua expressão de boa vontade entre os homens. Seja quais forem as circunstâncias que se atravessem, a manifestação de fraternidade e concórdia tem forçosamente de assumir um carácter, não vamos dizer eufórico, mas com certeza de felicidade e prazer, ainda que as almas porventura se encontrem veladas pela dor.

É neste espírito que «Sempre Pronto» se dirige a todos os seus Ex.mos Amigos para lhes desejar um Natal muito feliz e abençoado.

FILATELIA

Por **Mendes Marques**

N. da R. — *«Sempre Pronto» tem o prazer de passar a contar, entre os seus colaboradores, com o sr. José Manuel Mendes Marques, de Seia, que se dignou aceitar o convite que lhe fizemos de dirigir esta secção do nosso jornal.*

Trata-se de um membro do Corpo Nacional de Escutas, nosso assinante, que é filatelista entusiasta, especializado na temática escotista.

Damos as boas-vindas ao nosso novo colaborador, com os votos de que, como estamos convencidos, Sempre Pronto *muito venha a beneficiar com a publicação dos seus trabalhos.*

Pede-se a minha colaboração para esta página. Não vou dizer, o que é lugar comum, que tenho dificuldades em o fazer, mas sim que é com todo o prazer que porei à vossa disposição — aqui e pessoalmente se necessário — os frutos de alguma experiência e os meus conhecimentos sobre o tema.

O começo é sempre o mais difícil, uma vez que esta rubrica já tem tradições e, como tal, certa dificuldade em determinar o rumo. Mas como há que começar por algum lado, vou escrever algo sobre o Jambori de Idaho dada a sua actualidade e a chusma de selos que apareceram no mercado.

Todos os que há muito coleccionam selos e, certamente, terão as suas colecções montadas segundo os princípios temáticos consignados no regulamento em vigor, conhecem a exigência das respectivas legendas, pelo que há que considerar, no capítulo respectivo, alguns pormenores sobre o acontecimento.

XII Jambori Mundial — *«Para a Amizade»*
Parque de Farragut — Spokane — Idanho
U. S. A.
1 a 9 de Agosto de 1967 — 13 000 escoteiros

(poder-se-á escrever que o monte representado no emblema oficial do Jambori é o Borac, o mais elevado do Estado de Idaho).

Selos emitidos:

23 – Março	— Libéria	— 3 val. e 1 bloco
25 – Maio	— Níger	— 3 val.
5 – Junho	— Mauritânia	— 2 val.
8 — »	— Alto Volta	— 3 val.
10 – Julho	— Mali	— 2 val. ligados entre si por uma vinheta
1 — Agosto	Butão	— 6 val. com sobrecarga
1 — »	— Gabão	— 2 val.
7 — »	— Daomé	— 3 val. e 1 bloco
9 — »	— Burundi	— 10 val. que também comemoram os 60 anos do Escotismo
15 — »	— Somália	— 1 val. (emissão de 4 val.)
21 — »	— Haiti	— 6 val. (flores com sobrecarga)
29 – Setembro	— Congo (Brazza)	— 2 val.
17 — Outubro	— Tchad	— 2 val.

Está também anunciada uma emissão das ilhas Maldivas.

Os Estados Unidos emitiram um postal de correio aéreo, apenas válido para aquele país, Canadá e México.

Carimbos comemorativos conhecidos:

29 Julho — Bélgica (Zaventen) — Partida do contingente belga para o Jambori Mundial.

1 a 9 de Agosto — No local do Campo, foi aposto um carimbo comemorativo.



Serafim Isaac dos Santos

Vítima das catastróficas inundações que atingiram Lisboa e arredores em 25 de Novembro passado, perdeu a vida, bem como sua esposa, este antigo escoteiro do Grupo n.º 79, das Necessidades, em Lisboa.

O Isaac, como era conhecido entre os seus irmãos escoteiros, seguia para casa aproveitando o automóvel de um amigo, quando ao passar numa ponte em Queluz o carro foi envolvido pela enxurrada, tendo perecido no rio Jamor ele e sua mulher, sendo salvo a custo o condutor.

O desditoso antigo escoteiro deixou dois filhinhos menores, bem como uma menina de 18 anos. A sua família, **Sempre Pronto** endereça condolências muito sentidas.

* * *

No funeral, que se realizou dias mais tarde, encorporou-se muito povo da vila de Queluz, estando presente o nosso companheiro sr. José Dionísio dos Santos, que representou o nosso jornal e a Fraternal dos Antigos Escoteiros.

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

Nascimentos

Estão de parabéns dois escoteiros-Chefes de Grupos de Lisboa por terem mandado *apresentar* em seus lares dois rapazes para futuro reforço dos efectivos dos seus grupos.

Os nossos votos de muitas felicidades para o Chefe João Constantino e sua esposa, do Grupo 8, e Chefe Armando Garcia Inácio e sua esposa, do Grupo n.º 94, com os sinceros desejos de que os *aspirantes* cresçam e venham a ser dois valentes escoteiros.

De luto

Vítima de um lamentável atropelamento na Junqueira, em Lisboa, quando saía do liceu, faleceu em Novembro passado, a menina Maria Teresa Vargas Prado, de 17 anos de idade, gentil filha da Sr.ª D. Maria da Conceição C. Abecassis Vargas Prado e do Sr. Comandante Manuel da Rocha Santos Prado, ex-Governador do Distrito de Benguela, que recentemente foi distinguido com a «Medalha de Agradecimento Lis de Ouro», em reconhecimento dos serviços prestados ao Grupo n.º 39, de Benguela.

A Direcção da A. E. P., na primeira reunião após o infausto acidente, resolveu registar em acta um voto de profundo sentimento, a que **Sempre Pronto** sinceramente se associa.

A festa de Aniversário do Grupo N.º 93 — SINTRA

Classificação do Concurso Interpatrulhas

Por ter saído inexacta a classificação que publicámos em Outubro passado a propósito da festa do Grupo n.º 93, damos a seguir a classificação geral do concurso ali realizado:

1.º — Patrulha do Grupo n.º 8
2.º — » » » n.º 7
3.º — » » » de Queluz
4.º — » mista dos Grupos 85/94
5.º — » do Grupo n.º 93
6.º — » » » n.º 12

Do lapso havido, apresentamos as nossas desculpas ao Grupo n.º 7 e aos estimados leitores.

Dos Açores

Grupo n.º 52
Angra do Heroísmo

Peter E. Vieira

Partiu recentemente para os Estados Unidos depois de três anos de serviço na estação americana da Base Aérea 4 (Lajes), o nosso bom amigo Sargento Peter E. Vieira.

O Sargento Vieira já exerceu duas comissões de serviço na Ilha Terceira e, nomeadamente nesta última, vinha actuando, desde 1965, além de chefe duma unidade escotista dos *Boy Scouts of America*, como chefe de campo de Acampamento Internacional Escotista, denominado «Camp Tahlequah», presentemente funcionando no lugar da Matela, desta ilha.

Este nosso amigo procurou sempre colaborar com o chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, do Grupo 52 da A. E. P., no sentido de promover o estreitamento das boas relações luso-americanas, especialmente no campo escotista.

Com a sua simpática actuação, continuou-se a desenvolver um salutar espírito de camaradagem, fraternidade e cooperação, tão caracterizadamente escotistas, — de sempre seguido e preconizado pelo chefe do 52, — entre os escoteiros portugueses e americanos.

Por todos estes motivos, e segundo proposta do chefe do 52, foi pela Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, concedida a este dirigente americano, a medalha de Agradecimento da A. E. P., classe prata.

A pedido do chefe Vieira, a medalha foi-lhe imposta pelo chefe Moniz Silva, num acto singelo mas expressivo, que teve a testemunhá-lo os dirigentes americanos, Clinton W Duensing e Jack Musselman, e, por parte do 52, o sr. Artur Moniz Silva, membro da respectiva Direcção. — C.

◆



O Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, do Grupo 52 da A. E. P., entrega ao Chefe Americano, Peter E. Vieira, a Medalha de Agradecimento, classe prata, com que foi agraciado pela Direcção da A. E. P., sob sua proposta.

◆

ENTRONCAMENTO

Inauguração de uma Alcateia no Grupo n.º 84

O Grupo n.º 84 do Entroncamento e os seus dedicados dirigentes viveram, no passado dia 8 de Dezembro, um dos momentos mais felizes da vida daquela prestigiosa unidade escotista: a inauguração duma alcateia de lobitos

O esforçado e dedicadíssimo chefe Aníbal Horta, não obstante a sua já longa carreira de meritórios serviços ao Movimento, mais uma vez deu provas do seu dinamismo e competência, insuflando nos seus também dedicados auxiliares ideias de renovação que tem vindo a dar excelentes frutos e são, sem sombra de dúvida, uma consoladora promessa para o futuro do Grupo.

Este esforço, que «Sempre Pronto» tem acompanhado com muito interesse, mereceu também a compreensão e apoio de alguns dirigentes de Lisboa que quiseram abrilhantar o dia festivo do 84 com o calor da sua presença e apoio, tendo deslocado ao Entroncamento 12 lobitos e seus Aquelás, dos grupos n.os 19, 93 e 94, estando igualmente presentes os antigos escoteiros Amílcar Fernandes, Fausto Sacadura, que representava a Direcção da Fraternal, e Augusto Xavier, bem como o nosso redactor Mariano Garcia, que representava o Director do nosso jornal.

Pena foi não ser possível deslocar mais lobitos, mas as possibilidades de transporte conseguidas foram muito reduzidas, não obstante o apelo lançado aos antigos escoteiros chefes dos referidos grupos.

Na magnífica sede do Grupo n.º 84 pudemos assistir a uma excelente jornada de propaganda escotista, que decorreu durante o dia todo. De manhã, após a missa, um numeroso e aprumado número de escoteiros e lobitos desfilou livremente pelas ruas da vila em direcção à sede do Grupo.

Nos terrenos fronteiros a esta, realizaram-se, depois, alguns jogos que tiveram o condão de aquecer e animar a rapaziada, tendo estado a orientação dos lobitos a cargo do chefe Armando Inácio e a dos escoteiros confiada ao chefe Mário Leite.

Cerca das 13 horas, num restaurante perto da sede, por amabilidade do presidente do Grupo sr. José Duarte Coelho, foi servido um almoço a todos os escoteiros e lobitos e, também, aos forasteiros, o qual decorreu com a habitual animação.

Às 15,30, teve início a sessão solene, presidida pelo sr. José Duarte Coelho, benemérito local, que ao Grupo de escoteiros dedica acentuado e fraternal carinho, onde nunca faltou o seu apoio moral e material desde a hora da fundação.

Ao iniciar a sessão falou o sr. José Duarte Coelho, que em breves mas sentidas palavras, saudou os presentes, manifestando a sua alegria pelo rejuvenescimento que se está verificando no grupo, tecendo lúcidos comentários sobre a acção útil do Escotismo na vila do Entroncamento, a cujo Município presidiu durante largos anos, terminando por afirmar: «Os escoteiros são os meus filhos e enquanto viver jamais lhes faltará o meu apoio e carinho paternais».

A seguir, o chefe Aníbal Horta, visivelmente comovido, acentuou o significado do acto que se ia realizar, o «Compromisso» de alguns escoteiros e a «Promessa» dos primeiros lobitos de uma nova alcateia, salientando a importância de tão simples cerimónia na formação dos jovens e tendo palavras de fé no futuro do Grupo e do Escotismo. Agradeceu ainda a presença dos dirigentes e lobitos que se deslocaram de Lisboa, bem como o apoio e estímulo que daqueles tem recebido.

Falaram ainda os Srs. Amílcar Fernandes, Armando Inácio e Mário Leite.

Após algumas canções e gritos escotistas, o chefe do Grupo leu a Ordem de Serviço, procedendo-se em seguida ao compromisso de honra de 9 novos escoteiros e à Promessa de 8 lobitos que ficam a constituir uma nova Alcateia da A. E. P., esta localizada na distante vila do Entroncamento, para alegria da petizada da terra e enlevo dos dedicados dirigentes locais.

Mais algumas canções, gritos e paródias, que galvanizaram a rapaziada e a numerosa assistência e deu-se início à terceira parte do programa, constituída pela projecção, pelo antigo escoteiro sr. Amílcar Fernandes, de alguns filmes cómicos e reportagens de actividades escotistas.

No final, perante o recolhimento de todos os presentes, foi descerrado o retrato do antigo escoteiro do grupo Sr. Miguel da Silva, falecido em Junho passado.

NOITE DE PAVOR

Continuação da pág. 1

vam. Os filhos eram arrancados dos braços dos pais, impotentes para os salvar.

Eis o drama da região de Lisboa nessa noite de 25 para 26 do passado mês de Novembro, noite negra que jamais esquecerá a quem teve a desfortuna de a viver na verdadeira dimensão da tragédia.

Enormes foram os prejuízos materiais, mas sem conta são os danos que deixaram no seu rasto o luto e a dor.

Sempre Pronto **sente profundamente esta amarga hora de luto e acampanha, comovido, todos quantos choram os seus mortos e a perda dos haveres.**

Grande contributo para a abolição definitiva da pena de morte

Quem, como nós, leu os brilhantes artigos do professor António Álvaro Dória, insertos nos números de Agosto e Outubro de *Sempre Pronto*, sobre a abolição da pena de morte em Portugal, não poderá deixar de concluir que representam contributo de valia para a abolição definitiva da pena de morte.

Através dos mesmos se dá conta que, religiosos ou ateus, políticos ou anti-políticos, encaminham seus passos para que de vez as criaturas se convençam de que a qualquer mísero mortal não pode nem deve ser permitido atentar contra a vida do seu semelhante, quanto mais fazê-lo deliberadamente, por força de disposições legais, impróprias de qualquer ser pensante

Estamos de alma e coração com o professor Dória na sua brilhante defesa da abolição definitiva da pena de morte, sentindo apenas que a nossa cultura não seja de molde a dar aos seus judiciosos argumentos o realce que merecem, dado o humanismo de que estão revestidos.

Tal não obsta a que roguemos a Deus que se concretizem os seus votos, pois reconhecemos que a pena de morte é o acto mais vil que se pode considerar no género humano, diminuindo, pois, grandemente o prestígio dos que a determinam e endurecendo os corações dos que a executam.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Quem paga o pato?

É muito possível que alguém, ao ler apressadamente a pequena peça teatral para amadores publicada em dois números do «Sempre Pronto», tenha estranhado não se fazer referência ao conto popular anónimo que anda de boca em boca, adaptado ao diálogo do 1.º acto. Contudo essa adaptação não é um plágio. O 2.º acto é inteiramente original, e encerra uma lição moral que ao conto popular falta por completo.

De facto noto desde há muito que uma das fontes do nosso humorismo tradicional é a «burla simpática», isto é engano em condições tão engraçadas que fazem esquecer a maldade.

Poderia citar, mas quem não o lembrará?, o entrecho de vários filmes cómicos portugueses, em que o burlão, além de ser personagem chistosa, promotora ou vítima de situações hilariantes, nos aparece como que protegido por entidade «providencial» protectora de manigâncias e escapadelas, pois no momento em que uma justiça imanente traria lição oportuna, tudo se transforma a favor do burlão.

Procurei «virar o bico ao prego» para que numa medida bem pequenina, eu sei, se deixasse melhor lição.

Eduardo Moreira

Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração são necessárias obras.

P.e ANTÓNIO VIEIRA

HERÓIS POPULARES

O Cego de Maio

(JOSÉ RODRIGUES MAIO)

O mar é um tesouro opulento de onde o nosso país recebe anualmente imensas riquezas. E o mar foi, e ainda é, o proporcionador de muitas belas páginas da nossa história.

Mas quando enfurecido, esse amigo dos portugueses não respeita a nossa estima, e vai destruindo vidas e valores. A despeito da luta ser desigual, muitos compatriotas nossos enfrentam-no constantemente quando ele está nas suas fúrias; não raras vezes, vencem-no e, com risco das suas próprias vidas, arrebatam-lhe as suas vítimas.

Um dos que mais vidas arrebatou à fúria do mar, salvando-as, foi um dos nossos ousados pescadores, o poveiro muito conhecido pelo cognome **O Cego de Maio.** O nome dele é José Rodrigues Maio.

Era conhecedor profundo das perigosas correntes marítimas e, nos momentos de perigo, sabia com maestria enfrentar a procela!

Iniciou a sua gloriosa carreira de salvador de náufragos numa ocasião em que o barco-vigia conseguira salvar a maioria dos pescadores que foram jogados ao mar por uma embarcação que se voltara; como faltassem ainda dois homens, o povo da praia afligia-se por aquelas duas vidas. Havia gritos e lágrimas; o **Cego de Maio** não podia ficar indiferente àquela tragédia: ordenou a seus dois filhos que pegassem num lado da sua pequena embarcação, e ele pegou no outro lado. Meteram no mar o barquito, que ora subia na crista das ondas, ora descia às profundezas. A multidão, em ânsias na praia, assistia ao desenrolar do grande lance. Finalmente, uma vaga alterosa, num ímpeto, atirou-se para a praia, levando à sua superfície o pequeno barco. Em pé, à ré, o valoroso **Cego de Maio** comandava a manobra: os filhos iam aos remos e, como troféu, traziam com vida os dois homens que já eram dados como perdidos.

De outra feita, e isto em 25 de Janeiro de 1879, contra os avisos dos experimentados, saiu para o mar uma lancha nova, tripulada por oito homens. Com espanto e dor, viram, passadas quatro horas, dar à praia os remos e a polé da lancha. Fàcilmente se compreendeu que tinha havido tragédia e, sendo já passadas algumas horas, as esperanças de encontrar com vida alguns homens, não eram nenhumas. Mas o nosso valoroso poveiro meteu-se na sua embarcação com os dois filhos e embrenhou-se no nevoeiro, que muito dificultaria os movimentos do barco. Ao fim de meia hora, o **Cego de Maio** voltava, trazendo vivos cinco dos náufragos. Sem o rasgo desse grande poveiro, essas vidas estavam irremediàvelmente perdidas.

Porque arrancara muitas vidas à fúria do mar, salvando-as, era muito estimado. Possuía várias condecorações e entre elas a da **Torre e Espada,** que lhe fora colocada pelo próprio rei, D. Luís I. Após a cerimónio da colocação dessa condecoração, o **Cego de Maio** tirou com toda a simplicidade do bolso das calças uma porção de beijinhos do mar e deu-os a D. Luís, dizendo-lhe:

— Pegue, para dar lá em casa aos meninos!

D. Luís, batendo-lhe nas costas, disse, sorrindo: — Muito obrigado, muito obrigado!

A condecoração da **Torre e Espada** dava ao seu possuidor a honra de ter brado de armas e formatura militar quando passasse pelos quartéis. Quando tal sucedeu ao **Cego de Maio,** ele ao escutar o brado de armas e ao ver os soldados a correr para a formatura, deitou a correr, pensando que o iam prender!

Foi uma alma simples, grande e nobilíssima; tornou-se um herói, não em destruir, mas em salvar vidas, arriscando a sua própria vida.

O **Cego de Maio** personificou bem a hoste enorme dos nossos laboriosos pescadores que, para nos alimentarem e se sustentarem, enfrentam dia e noite, em frágeis embarcações, os riscos de perderem a vida no mar.

Póvoa do Varzim, que se orgulha de possuir homens muito ilustres em ciência, também se orgulha muito justamente de ser a terra do **Cego de Maio,** a quem homenageou, erigindo-lhe um típico monumento.

Raul Pinto de Carvalho

(Transcrito de «Raio de Sol»)

Mesmo que tenha mil léguas, toda a estrada principia por um passo.

PROVÉRBIO JAPONÊS

SEMPRE PRONTO

Número 272

Dezembro de 1967

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

A CASA DE BADEN-POWELL EM LONDRES

UM MONUMENTO QUE É ESCOTISMO EM ACÇÃO

Quando se pretende perpetuar a memória de alguém cuja vida se notabilizou pelo serviço e amor do próximo, essa homenagem não se pode limitar a erguer uma estátua numa praça pública. O respeito que se deve à personalidade preiteada parece exigir que se perpetue a sua memória realizando ainda os seus ideais ou continuando a sua obra. O Escotismo Britânico conseguiu erguer um monumento a Baden-Powell que satisfaz plenamente este desiderato. A Casa de Baden-Powell, em Londres, constitui a realização de um sonho que o Fundador afagou: continua a promover a confraternização da juventude escoteira de todas as latitudes e ainda proporciona alojamento e refeições aos escoteiros de todas as nacionalidades que passam por Londres.

É difícil definir esta Casa. Ela é museu, monumento, centro cultural, artístico e social; hotel e restaurante. Calcula-se que anualmente visitem a Casa 50 000 pessoas. Numa recente passagem por Londres, tivemos ocasião de encontrar ali Guias e Escoteiros de diferentes nações e continentes.

O edifício foi levantado num dos mais elegantes bairros da capital inglesa, Kesington do Sul, no cruzamento de Cromwell Road e Queen's Gate, com frente para os museus da Ciência e de História Natural. A pedra da fundação foi lançada por Lady Baden-Powell em 17 de Outubro de 1959 e já em 12 de Julho de 1961 a Rainha presidia à cerimónia da inauguração. O confronto destas datas evidencia a determinação com que a obra foi construída, permitindo, em relativamente pouco tempo erguer e apetrechar um edifício de oito pisos.

No exterior, junto à entrada amplamente envidraçada, vê-se a estátua de B.-P., a única de granito que existe em Londres, obra notável do escultor Don Potter, com o peso de 5 toneladas. É uma estátua simples, mas com carácter, de onde parece irradiar ainda a simpatia comunicativa da personalidade de B.-P.

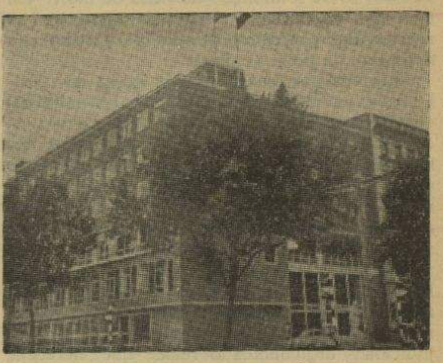
No rés-do-chão encontra-se a Recepção. O vestíbulo é amplo e agradável. Vê-se ali um mapa-mundo assinalando a expansão do Escotismo. Encontram-se, neste piso, a exposição «História de B.-P.», ilustrada com os conhecidos desenhos publicados em diversas revistas, fotografias e outras recordações de B.-P.; a vasta sala da Assembleia, equipada para conferências, cinema, danças, festas, com lugares para 337 pessoas sentadas. Frequentemente realizam-se aqui agradáveis serões, tendo-nos sido oferecida oportunidade de assistir a um interessante espectáculo de **ballet**. A estação radiamadora com o indicativo G.3T6S, operada por uma equipa escoteira, está também instalada neste local.

Na cave, situa-se a garagem; **snack-bar**; sala de jogos, aposentos para senhoras, cozinhas e arrecadações. No primeiro andar, estão os escritórios da Administração e o restaurante. Este, muito bem apetrechado, ocupa vasta sala. Trata-se de um óptimo serviço de que os escoteiros podem dispor em Londres. As refeições são bem preparadas e abundantes a um preço que equivalia a 22$00. Diàriamente são ali servidas 150 a 300 refeições, conforme a época do ano.

O segundo andar é destinado à confraternização. Capela, salas de leitura e de estar, e da Direcção, e também a Biblioteca. Esta possui a colecção completa das edições do **Scouting for Boys** e de **The Wolf Cub Handbook**, bem como colecções encadernadas de **«The Scouter»**. Também se exibe aqui uma interessante colecção dos notáveis cartões de Boas Festas que B.-P. desenhava, os quais serviam para pontualmente corresponder a todos os cumprimentos de Boas Festas que recebia.

Os três andares seguintes são destinados a alojamentos. Há acomodações para 129 residentes. Pequenos dormitórios para 83 rapazes e o restante em quartos para adultos. Os rapazes pagam 15 xelins por noite ou 4.15.0. por semana. Os dirigentes escoteiros 30 xelins por noite. Estes podem fazer-se acompanhar de suas esposas. Os preços referidos incluem o abundante primeiro almoço britânico. Os quartos são bastante confortáveis, particularmente interessante o n.º 52 do quinto andar, inteiramente guarnecido com mobília de quarto que pertenceu a B.-P. Em 1966, a Casa registou 23 700 dormidas-noite, com a presença de escoteiros de 90 países. O sexto andar é reservado aos serviços.

Notável, porém, é que todas as dependências, corredores, escadas, estão decoradas com quadros assinados por conhecidos autores, versando temas escoteiros. Os desenhos e pinturas de B.-P. estão também expostos em diversos locais. Como é conhecido, o Fundador era um hábil desenhador. Tinha ainda a particularidade de ser ambidextro e conseguia mesmo executar dois desenhos diferentes simultâneamente, um com cada mão. Em diversas salas vêem-se muitas recordações. O chapéu escoteiro de B.-P.; o cofre com que foi presenteado depois do cerco de Mafeking; uma colecção de bengalas e varas escoteiras que usou; as Ordens e Condecorações com que foi distinguido; uma colecção de insígnias escoteiras antigas; o original manuscrito do **Scouting**



A casa de B.-P.

for Boys e muitos outros curiosos objectos, que fazem da Casa um verdadeiro museu.

No vestíbulo, vê-se, por exemplo, a placa autêntica que pertenceu a uma locomotiva a vapor a que foi dado o nome de «The Boy Scout», placa oferecida pela estação de caminho de ferro de Euston. A Casa tem recebido muitas ofertas curiosas. Alguns amigos têm também cedido quadros e recordações a título de empréstimo. Algumas pinturas expostas são valiosas obras de arte. No primeiro andar está exposto um busto de bronze do Capitão John Smith, antepassado do Fundador, que este mesmo esculpiu.

É neste ambiente evocador da personalidade de Baden-Powell e do espírito do Escotismo, que os membros do Movimento, britânicos e de todas as outras nacionalidades, se encontram, convivem, alguns mesmo estudam e trabalham, dando assim continuidade aos ideais de fraternidade, cuja semente o Fundador espalhou por toda a parte. A Casa é portanto uma feliz homenagem do Escotismo Britânico e um monumento vivo à memória do Fundador.

E. R.

IV Poemeto Filatélico

(diante do selo comemorativo de Manuel Maria)

Eis Bocage pensativo,
De ponto-em-branco: um Bocage,
Senão retratado ao vivo,
Livre do plebeu ultraje.

O génio obscurecido
Que merece reviver:
Se não o que terá sido,
O que no final quis ser!

EDUARDO MOREIRA